



Animação de fóruns virtuais de discussão – novo caminho para a aprendizagem em EAD via *web*

Sheila da Costa Oliveira*
Gentil José de Lucena Filho**

“Vivemos hoje em uma destas épocas limítrofes na qual toda a antiga ordem de representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimento e estilos de regulação social ainda pouco estabilizados.”
Pierre Lévy, As tecnologias da inteligência, p.17

Resumo. Neste artigo analisa-se o uso do fórum virtual de discussões como ferramenta midiática de ensino aprendizagem. O estudo é considerado importante, dado o notável crescimento da oferta de cursos virtuais no Brasil e no mundo. Os dados que embasaram a análise aqui apresentada foram obtidos ao longo de 5 semestres letivos em atividades de tutoria de um dos autores, em disciplinas de graduação e pós-graduação virtual em instituição de ensino superior, perfazendo um total de 21 fóruns estudados e 213 alunos pesquisados, juntamente com 16 tutores de áreas diversas, com predominância dos de língua portuguesa. A metodologia consistiu na observação de campo com foco qualitativo, com relatórios parciais a cada implementação de fórum no espaço virtual das disciplinas. Como resultado, apresentam-se alternativas de uso desse recurso interativo no contexto da educação a distância via *web*.

Palavras-chave: Fórum virtual de discussões; autoria; sentido; intervenção.

Abstract. In this work it is analyzed the use of virtual discussion groups as a pedagogic tool in web learning. The study is considered important, especially from the point of view of the notable growth in the offer of virtual courses in Brazil and in the world. The data on which the analysis was based was collected during five semesters of tutoring activities of one of the authors in graduate and post-graduate courses. The research considered 21 virtual groups of discussion involving 213 students and 16 tutors of different areas. The methodology used was field observation with qualitative focus, with partial reports at the end of each virtual group implemented. Results include the proposition of usage alternatives for this interactive tool in web learning.

Key words: virtual forums, authoring, sense, intervention.

1. Introdução

Quando abrimos a página inicial das plataformas que hospedam os cursos virtuais contemporâneos, duas seções rapidamente se destacam: *chat* e fórum, duas ferramentas de comunicação em EAD mais comuns, juntamente com o *e-mail*. Neste trabalho, analisaremos especificamente o fórum virtual de discussões em cursos virtuais de EAD (graduação e pós-graduação via *web*), partindo de sua gênese como ferramenta educacional até chegarmos a diferentes sugestões para seu uso pedagógico, sempre

* Doutoranda do PGIE – UFRGS – Professora Mestre da Universidade Católica de Brasília
sheila@ucb.br; scosta25@brturbo.com.br

** Professor Doutor, Coordenador do Mestrado em Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação da Universidade Católica de Brasília glucena@pos.ucb.br

mantendo em foco suas amplas possibilidades de **intervenção, autoria e produção de sentido**, indispensáveis à construção e à consolidação da aprendizagem.

Quanto ao fundo teórico usado como suporte à pesquisa, em primeiro lugar, como o fórum é uma ferramenta interativa por excelência, imediatamente se vincula, como possível objeto de estudo, a todos os teóricos interacionistas, e no contexto da educação, em especial a Piaget (1973) e Vygotsky (1998). No entanto, enquanto Piaget privilegia a interação sujeito X objeto como modo de construção do conhecimento, (Becker, 2001), Vygotsky (1998) se volta para a interação sujeito X sujeito, vendo-a como um processo eminentemente sociocultural. No modelo interacional constituído pelo fórum virtual de discussões, há a confluência das duas abordagens: as postagens realizadas, por estarem desvinculadas da presença física do seu locutor, podem ser consideradas mais do ponto de vista de “objetos lingüísticos”, fazendo com que os participantes da discussão interajam mais com as idéias que com as pessoas propriamente ditas; por outro lado, a interação entre sujeitos continua ativa, (Franco, 1986), pois as postagens são identificadas pelos nomes dos locutores, e, muitas vezes por imagens deles, o que mantém consistente a noção de personalidade.

Em segundo lugar, por se tratar de interação eletronicamente mediada, é preciso considerar também o pensamento dos estudiosos contemporâneos a respeito, para o que tomaremos como referência as idéias de Pierre Lévy. E por último, considerando que a interação nos fóruns virtuais de discussão se dá pela linguagem escrita, o que a reveste de especificidade lingüístico-discursiva, para iluminar esse ângulo do assunto tomaremos o que dizem Mikhail Bakhtin e Ingedore Koch a respeito da interação pela linguagem.

Quanto a isso, aplicando-se ao estudo da interação no fórum os conceitos de análise da conversação (Koch, 2003), vemos que se trata de uma modalidade de comunicação constituída por discurso escrito (o que permite ao locutor mais tempo para articular o que será dito, bem como a escolha mais criteriosa de estratégias textuais), com turnos bem marcados e acabados (Bakhtin, 1997), já que não há como “falar ao mesmo tempo” que outro participante no ambiente do fórum, não havendo, em consequência, interrupção ou superposição de vozes; e com percepção do entendimento ou não da mensagem postada em momento distanciado da sua emissão (o que não permite eventos bastante comuns na fala: a interrupção da locução por se perceber que o interlocutor já compreendeu o que se estava dizendo; a mudança, em processo, do texto oralmente construído, por se perceber que a estratégia textual escolhida não está sendo eficiente; a interferência do interlocutor para solicitar esclarecimentos adicionais).

A partir desse referencial, podemos caracterizar então o **fórum virtual de discussões em EAD via web como uma modalidade de conversação assíncrona, intencional, dirigida a uma finalidade pedagógica de construção / reconstrução de saberes, composta por segmentos interlocutivos que constituem, a um só tempo, objetos de leitura e indicadores da personalidade de seu locutor**, e é sob essa perspectiva que vamos examiná-lo nesse trabalho.

As informações que apoiaram as reflexões aqui apresentadas foram obtidas durante 5 semestres letivos como tutora em disciplinas de graduação e pós-graduação virtual em instituição de ensino superior, perfazendo um total de 21 fóruns estudados, 213 alunos e 16 tutores pesquisados, com predominância (7) dos de língua portuguesa.

A metodologia consistiu na observação de campo com foco qualitativo, com relatórios parciais a cada implementação de fórum no espaço virtual das disciplinas. Foram considerados, na consolidação desses relatórios, o número de alunos de cada turma, a quantidade e a qualidade das intervenções, bem como o fluxo e a natureza das postagens realizadas por professores-tutores e alunos. Ao final de cada fórum, os alunos

foram solicitados a dar seu parecer sobre o que ocorreu no espaço de discussão virtual de sua turma, a partir de perguntas abertas. Foram considerados relevantes os comentários recorrentes em 50% ou mais do total de alunos pesquisados. Após a definição final da lista de comentários relevantes, do ponto de vista discente, esses itens foram submetidos à equipe de tutores, sendo então validados pelo segmento docente e agora apresentados como novas possibilidades de enriquecimento de práticas vigentes em EAD via *web*.

2. O que é um fórum?

Antes de mais nada, é preciso compreender a origem da palavra fórum. Do latim **fórum** – *sentido próprio: recinto ou cercado em volta de uma casa; na linguagem rústica: partes do lugar onde se colocam as uvas ou as azeitonas para serem pisadas*; (Faria, 1975) sentido genérico: *praça pública na antiga Roma, local para debates ou reunião para o mesmo fim, centro de múltiplas atividades*. (Holanda, 1998). Desse modo pressupõe, a um só tempo, **limites** (em volta de), **transformação** (uvas e azeitonas pisadas, para serem transformadas em vinho e azeite), **presença, interação, participação** (debates, reunião). No entanto, assim como toda palavra, essa também evoluiu desde sua criação. Associada ao contexto jurídico, significa também *sala de julgamentos, local onde se examinam e julgam os crimes e os criminosos, ou demandas, problemas que precisem de um mediador para se resolver* (Holanda, 1998). No contexto da educação, pode ser entendida como uma *sessão de discussões a respeito de temas de interesse de um grupo, com finalidades decisórias e/ou pedagógicas* (Holanda, 1998). Finalmente, na educação a distância via *web*, esse conceito é retomado como o *espaço virtual, dentro de uma plataforma, que registra assincronamente todas as intervenções dos participantes de uma discussão durante um determinado tempo*. (Holanda, 1998)

Enquanto nas três primeiras acepções a simultaneidade da presença física é condição *sine qua non* para a realização dos eventos, o fórum virtual, mantendo registradas e acessíveis as falas dos diversos integrantes do grupo de discussão, resguarda, pela assincronicidade, as possibilidades de contato com as idéias dos colegas. Essa ruptura com o conceito tradicional de espaço-tempo é vista por Lévy (2004) como libertadora, preparadora de uma nova ordem para sujeitos, objetos e os contextos que os rodeiam. Além disso, permite igualmente, ao longo do tempo de debate virtual, um olhar mais isento de cada participante sobre o seu próprio pensamento, postado no ambiente sob a forma textual que se convencionou chamar de *intervenção ou postagem*. A esse fenômeno de distanciamento Bakhtin (1997) nomeia **exotopia**, isto é, um deslocamento do *topos* de locutor para o de observador, o que propicia um outro olhar sobre o trecho discursivo em exame e provoca, em consequência, reflexões diferenciadas a respeito da interlocução realizada.

Desde a criação desse modelo de interlocução por Murray Turoff, em 1970, (Harasim et alli, 2005) percebe-se claramente a força que essa ferramenta interativa desenvolveu ao longo do tempo. Isso porque ela propicia, entre outras possibilidades, a percepção do grau de envolvimento dos alunos com o assunto tratado, do grau de proficiência destes quanto à produção de texto, do patamar de domínio teórico-conceitual que já atingiram, bem como da capacidade individual de interação e de reformulação dos saberes. Além de tudo isso, quando bem trabalhado, o fórum pode tornar-se um grande espaço de intervenção e autoria por parte dos alunos, movimentos necessários, se não indispensáveis, à construção de sentidos, requisito principal da aprendizagem.



3. Padrão atual de funcionamento de fóruns virtuais em EAD via web

Apesar da riqueza potencial dessa modalidade de interação, verifica-se que ainda se encontra aprisionada num modelo até certo ponto rígido: o professor-tutor pré-seleciona temas e os posta no ambiente virtual, seja simultaneamente ou um após o outro, convocando os alunos à participação. Encerrado o prazo estabelecido para o debate, o professor-tutor avalia a participação da turma e de cada um individualmente, muitas vezes tendo, como resultado, um registro avaliativo formal (nota, conceito, parecer), gerado de forma unilateral (do professor-tutor para o aluno). Desse modo, percebe-se claramente, no ambiente virtual, uma relação assimétrica entre os participantes da discussão, divididos entre docentes e discentes, com papéis e atribuições estanques e bem definidos.

Podemos verificar a aplicação desse modelo tradicional/presencial no ambiente virtual de discussões observando dois procedimentos usuais dos professores-tutores. O primeiro deles é **acessar o fórum todo dia e responder a todas as intervenções individualmente**. Esse procedimento, além de gerar um excesso de trabalho que cansa, mas não recompensa, leva também a uma hipertrofia da figura do professor-tutor, bem como ao enfraquecimento das interações aluno X aluno, que devem ser fortalecidas e estimuladas ao longo do processo de discussão, para realmente propiciar a construção coletiva de conhecimento e o espírito cooperativo da turma. De acordo com esse modelo, o foco central do debate ainda é o professor, considerado como o principal locutor, e reproduz virtualmente o modelo presencial tradicional, sem considerar, em sua plenitude, o papel decisivo do interlocutor (os alunos) na situação de comunicação.

O segundo procedimento é **propor uma pergunta para a turma, para a qual já se tem uma resposta pré-definida, aguardando que os alunos se aproximem ao máximo dessa predefinição, como forma de serem considerados “bons debatedores”**. A adoção dessa rotina, por sua vez, cria outra indesejável assimetria, agora no contexto do processo mesmo da comunicação, pois o professor se propõe perguntador e o aluno se assume como respondedor, o que tende a anular ou minimizar a permuta de funções (o professor não precisa sempre perguntar, como se fosse um examinador ou argüidor, e o aluno não precisa sempre responder, como se estivesse em situação de teste), pois isso enrijece o modelo interacional, reduzindo o poder de intervenção, o sentimento de autoria e, por conseguinte, a construção de sentidos por parte dos alunos.

Para não cair na armadilha desses dois grandes riscos, muitas vezes o tutor assume o comportamento oposto, tão perigoso quanto aqueles dos quais procura fugir: o do silêncio, pretendendo, com isso, incentivar a participação dos alunos. O tutor então se ausenta do ambiente de discussões, deixando a sustentação da rede interativa apenas a cargo dos alunos. No entanto, esse procedimento, se pode servir como um incentivo à autonomia, pode também produzir resultados opostos ao que se pretende, já que os alunos, em sua maioria, interpretam esse “silêncio” do professor-tutor não como incentivo, mas como desconsideração e abandono. Além disso, o próprio professor-tutor, muitas vezes, pode assumir esse “comportamento silencioso” por se acreditar ou perceber-se incapaz de assumir uma prática diferente da tradicional, pois não temos ainda uma geração formada sob os modelos comunicacionais que a informática propicia e, portanto, os professores-tutores atualmente em ação enfrentam, não raro, grandes lutas pessoais para vencer as barreiras do contato com a tecnologia.

4. Novas formas de utilizar o fórum

No entanto, apesar de todas essas contradições, é possível realizar discussões em fóruns virtuais de outras formas, imprimindo à discussão mais dinamismo e

envolvimento de todos, dando ao debate um caráter mais flexível, na busca de mais simetria entre os que se propõem a discutir, levando-os a dialogar, no sentido que Bakhtin (1997) confere a essa palavra: escutar o outro e perceber seu ponto de vista, de tal modo que isso afete a própria visão do eu. No entanto, para que isso ocorra, precisamos reconfigurar o conceito de tutor nessa atividade, observando-o sob outras perspectivas. Em contrapartida, é preciso também um diálogo maior com a equipe de tecnologia, pois as mudanças nas rotinas interacionais quase sempre dependem de modificações tecnológicas e de programação, conforme reitera Lévy (2004): “A experiência pode ser estruturada pelo computador.” (p.10). No entanto, as versões disponíveis das plataformas educacionais nem sempre propiciam esses ajustes, ou o fazem com dificuldade.

No dicionário de EAD (Romiszowics,1998) define-se tutor como “*um elemento importante em muitos sistemas de EAD, sendo o principal responsável pelo processo de acompanhamento e controle do ensino aprendizagem*”. No entanto, no ambiente do fórum virtual, essa função apresenta outras nuances mais específicas, e acreditamos que o tutor possa ser chamado por outros nomes, igualmente válidos e não exclusivos, tal como se descreve na tabela 1, resultado de elaboração pessoal após a observação do *corpus* descrito na Introdução.

Tabela 1 - Tipos de tutor e indicações de uso das estratégias características de cada tipo

Tipos de Tutor	Características	Indicações de Adequação
Debatedor	Suscita a polêmica e, por assim dizer, “esquenta a discussão”, provocando os demais com perguntas e comentários instigadores.	Para turmas com personalidade coletiva tendendo à apatia e ao desinteresse. Exige a sensibilidade de perceber quais os focos motivacionais da turma ou de grupos e indivíduos dentro dela, para, a partir dessa motivação básica, conduzir à construção de sentidos possível para os integrantes da discussão.
Moderador	Aquele que sabe acalmar os ânimos e equalizar a participação dos envolvidos, provocando a oportunidade de estabelecimento de consensos.	Turmas muito participativas e que tenham polemizadores espontâneos, os quais podem, pelo exagero na atuação, provocar efeitos nocivos ao clima da discussão, intimidando colegas e impedindo que eles intervenham e contribuam para a construção do conhecimento no ambiente coletivo.
Facilitador	Aquele que propicia ao aluno todos os meios adequados ao contato com as informações e condições apropriadas para processá-las, abrindo, por assim dizer, as vias que permitirão a construção efetiva do conhecimento.	Turmas nas quais os alunos já apresentam grau elevado de autonomia e iniciativa, demonstrando capacidade de autogerência e automotivação.
Condutor	Aquele que sabe para onde ir e consegue levar todos com ele.	Turmas iniciantes, com pouco tónus motivacional, seja individual ou coletivamente, ainda dependentes de uma figura externa ao time de aprendizes. Para esse tipo de grupo, a construção de sentidos, ainda, só é possível graças a interferências externas, já que os participantes não se reconhecem com possibilidade de autoria no contexto. Ao condutor cabe, então, a tarefa de levá-los a se reconhecerem competentes nessa instância, fazendo-os assumir a intervenção individual e coletiva como forma de construir e consolidar a própria aprendizagem.

Regente ou coreógrafo	Mantém a visão do conjunto e procura harmonizar os segmentos participantes.	Turmas que se formem de subgrupos não permeáveis o suficiente para trocas entre si, embora com boa interação interna entre seus participantes.
Animador	Aquele que motiva, incentiva, mantém acesa a chama da discussão, sem necessariamente apelar para a polêmica.	Qualquer turma.

Essas diferentes facetas da tutoria, no ambiente do fórum virtual de discussões, podem e devem revelar-se como estratégias educacionais, ao longo do tempo destinado a ele, mas a que nos parece a mais completa e adequada seria a de **animador**, por todas as nuances que a palavra sugere. Examinemo-la, portanto, com mais cuidado.

5. O que é um animador?

Novamente, recorrer à etimologia é importante para compreendermos o que significa **animar**: do latim *animare*, *dar alma ou vida a*, *dar ânimo, coragem, vigor, força, imprimir movimento, aceleração, vivacidade, incitar, estimular, encorajar* (Holanda, 1998), o que nos conduz à idéia do dinamismo natural que um ambiente de debates significa.

Obviamente, nossa noção atual de animador está contaminada pelo que se vê e ouve em programas de auditório: *indivíduo que, em rádio ou televisão, organiza e dirige programas, em geral de longa duração, com variados temas e que, sempre estando presente em cena, imprime ao espetáculo seu cunho pessoal*. (Holanda, 1998). Contudo, o fórum de discussões num ambiente de aprendizagem eletronicamente mediada não é um espetáculo (embora muitas discussões sejam espetaculares e algumas espetaculosas), nem sempre é de longa duração e não precisa necessariamente de que o professor esteja sempre presente em cena nem que imprima a ele o seu cunho pessoal. Trata-se mais, nesse caso, de conduzir as “*animas* individuais” dos participantes à criação de uma “*anima* coletiva” que agregue os valores do grupo de forma sinérgica na constituição de uma nova identidade, baseada no pensar e no repensar constantes, conforme o fluxo informacional que a discussão propicie ao grupo.

6. O que realmente “anima” um fórum virtual de discussões?

Após aplicar o instrumento individual de avaliação de fóruns virtuais de discussão no *corpus* descrito na Introdução, submetemos o resultado inicial, em forma de lista, a um grupo de 16 tutores de cursos virtuais, disciplinas diversas, e os itens apresentados pelos alunos foram totalmente validados pela equipe de tutoria. Por isso, apresentamo-los abaixo, comentando-os. Procuramos resguardar, nesses comentários, as expressões originalmente empregadas pelos alunos, para que se tenha uma idéia mais exata do sentimento dos entrevistados com relação ao tema:

a) falar sobre temas de relevância para a turma e para o curso (98%): os alunos têm consciência da significação educacional do fórum, e conseguem perceber a pertinência ou não dos temas propostos, seja para si próprios seja para o curso, em seus aspectos teórico-práticos. Portanto, temas que parecem desconectados do contexto maior do semestre e do curso despertam menos interesse no grupo de discussão;

b) não ter muitos participantes no grupo de discussão (96%): tanto quanto o fórum longo, o número grande de alunos que compõem o grupo de discussão dificulta o acompanhamento das idéias apresentadas e de suas ramificações, bem como induz a



poucas postagens, justamente pelo receio de aumentar em demasia a extensão textual que deve ser lida a cada acesso;

c) não ter postagens muito longas (94%): uma postagem longa repercute no ambiente virtual como um discurso prolixo, uma fala cansativa que não se consegue acompanhar a contento. Além disso, a própria mancha gráfica de um registro escrito longo provoca uma espécie de rejeição à leitura, pois o espaço de repouso visual necessário fica prejudicado;

d) sentir/perceber que seu espaço de fala está resguardado, e que não há preponderância de ninguém no ambiente virtual (92%): esse desejo está estreitamente vinculado à necessidade de aceitação e acolhimento de si pelo grupo. Sentir que o colega ou o tutor tentam “se mostrar”, sobressair-se em relação ao restante da turma, provoca um desejo de represália, fazendo com que os participantes procurem apresentar também uma sapiência ou competência exagerada a respeito de algum aspecto do tema em foco, ou, por outro lado, desperta o clássico desejo do “silêncio como resposta”, reduzindo ou extinguindo a quantidade e a qualidade das intervenções individuais. Ambas as conseqüências afetam negativamente os resultados que se podem obter durante a discussão e após ela, em termos de construção e consolidação de conhecimentos;

e) não ver o “fórum vazio” (83%): Assim como o faz o ambiente muito cheio e congestionado por muitas intervenções, sejam da turma ou de uma pessoa em especial, o fato de se verem poucas postagens também afeta o grau de motivação de tutores e alunos para participar da discussão em andamento. Esse mesmo princípio é bastante explorado pelo marketing: prateleiras vazias não incentivam o consumo;

f) não durar muito tempo (82%): a métrica de duas semanas foi a mais indicada pelos entrevistados. A partir desse tempo, a quantidade de intervenções, segundo eles, fica muito grande, principalmente quando a turma é mais participativa, o que dificulta o acompanhamento das postagens e enfraquece as linhas de discussão, que tendem a esgotar-se ao longo do tempo de vigência do fórum;

g) ter mais de uma linha de discussão, ao longo do período de vigência do fórum (79%): quanto maior o tempo, maior também deve ser a arte de aprofundar os tópicos de discussão pela apresentação de novas possibilidades de exploração do tema, pois trabalhar sempre o mesmo enfoque torna-se cansativo e tende a criar a repetitividade das abordagens e o esvaziamento gradativo dos comentários. O desdobramento do tema central em linhas derivadas foi indicado como possível de ser realizado tanto por alunos quanto por tutores, desde que haja comunicação e consenso entre os segmentos a esse respeito;

h) “sentir firmeza” nas colocações do tutor e dos colegas (78%): A expressão “sentir firmeza” traduz um desejo de que as informações e comentários apresentem consistência conceitual, exatidão e coerência com o assunto em foco, tanto por parte do professor-tutor quanto por parte dos alunos. Se tal não ocorre, isso afeta negativamente a confiabilidade da tutoria e do grupo de colegas, enfraquecendo o desejo de interação;

i) presença de atualidades e de informações que ampliem os horizontes científico-culturais dos participantes (68%): além de procurarem a base teórico-conceitual ligada ao conteúdo específico, os alunos também apresentaram interesse recorrente por elementos culturais, que se apresentam em uma indicação de leitura ou de filme, no comentário de um evento ligado ao contexto em discussão, na análise de elementos da comunidade da qual fazem parte, bem como todo movimento que amplie os “horizontes livrescos” do tema em foco;

j) sentir que são feitas abordagens humanísticas dos temas propostos (64%): não ficar “preso ao conteúdo específico”, propondo e facilitando as chances de extrapolação

com a adoção de abordagens mais filosóficas e integradoras dos temas, foram consideradas como atitudes bastante desejáveis (tanto por alunos quanto por tutores) em ambientes virtuais de discussão, em especial aqueles que se desenvolvem por um tempo mais longo (duas semanas ou mais). Desse modo, o aspecto teórico-conceitual específico se amplia, permitindo ao aluno a percepção holística da sua área de estudo;

l) não ver demonstrações de personalismo (62%): admira-se a firmeza, e não a rigidez. Os participantes esperam, uns dos outros, a capacidade de acolhimento das novas idéias e pontos de vista que se apresentam no ambiente da discussão, sem a defesa acirrada de um determinado aspecto ou crença pessoal.

7. Outras possibilidades de funcionamento de um fórum virtual

Animar um fórum pode (e deve!) passar por várias estratégias de apresentação / implementação / desenvolvimento dos temas. Examinemos então com cuidado algumas das sugestões a seguir, construídas a partir das conversas com os tutores e alunos pesquisados:

a) **O tutor faz uma lista de temas e a apresenta aos alunos.** Esses definem os temas que gostariam de discutir e a ordem de prioridade. O tutor implementa isso na plataforma. O processo dialógico utilizado na definição da rede temática (Koch, 2003) tende a funcionar como uma pré-garantia do envolvimento dos interlocutores com a discussão;

b) **O professor encarrega um aluno ou grupo de alunos de definir temas,** justificando a escolha de acordo com as disciplinas do semestre. Com uma senha temporária, os próprios alunos implementam os temas no ambiente virtual e se transformam temporariamente em tutores dos temas implementados. Esse procedimento potencializa o sentimento de autoria que funciona como grande incentivo à participação e ao envolvimento com a discussão em pauta;

c) Enquanto a discussão se desenrola, **o professor encarrega um aluno ou um grupo de alunos de ler todas as intervenções semanais e de publicar uma síntese dos pontos discutidos,** identificando se há convergência ou divergência nos comentários a respeito do tema, de modo a implementar uma nova estratégia de intervenção (inserção de uma nova linha de discussões, sugestão de leituras complementares etc) baseada na natureza dos comentários postados. Ao final do prazo de publicação do fórum, a mesma equipe apresenta uma síntese final do que foi discutido na totalidade, consolidando a construção de sentidos realizada pelo grupo;

d) **O professor apresenta à turma, como tema inicial, uma síntese do pensamento de uma outra turma a respeito do tema definido,** e toma esse raciocínio como ponto de partida; ao final, agrega as discussões das duas turmas e apresenta a síntese a uma outra, caso ainda haja pertinência no procedimento;

e) **O professor organiza a turma em subgrupos virtuais e propõe a discussão em pequenas equipes.** Depois, reorganiza-as virtualmente de acordo com a técnica de painel integrado, de modo que cada representante de subgrupo possa apresentar as idéias trabalhadas em sua equipe aos representantes dos outros subgrupos; ao final da troca, cada subgrupo apresenta aos outros uma síntese; a partir das sínteses dos subgrupos, o professor elabora a síntese final ou encarrega um aluno ou grupo de alunos de fazê-lo, agregando os pensamentos de todos, numa construção coletiva de conhecimento;

f) **a discussão iniciada no ambiente do fórum é sistematizada e encerrada no encontro presencial.** Recomenda-se isso principalmente se o tema gerou polêmicas acirradas ou se surgiram conceitos novos que não foram bem compreendidos ao longo da discussão no ambiente virtual;

g) **inicia-se uma discussão em ambiente presencial e continua-se o seu desdobramento no ambiente virtual**, podendo-se encerrá-la no próprio ambiente do fórum ou no próximo encontro presencial.

Outros modelos podem ser construídos e testados, a partir de trocas de experiência entre os tutores e alunos, sempre tendo em mente o desenvolvimento da aprendizagem cooperativa, descentrada da figura professoral que o tutor ainda significa, e incentivando a autoria de cada participante por meio da garantia de seu poder de intervenção.

8. Avaliação diversificada do fórum virtual: mais um recurso de incentivo à intervenção, à autoria e à construção de sentidos

Há dificuldades constantes na avaliação do desempenho dos alunos em fórum de discussão virtual, pois nossa prática avaliativa também é ainda muito centrada nas expectativas do professor-tutor e de sua subjetividade, e não nos objetivos didáticos e no plano de trabalho dos alunos. Esses elementos, na maioria das vezes, nem estão considerados na proposição dos parâmetros avaliativos e, embora em algumas ocasiões o estejam, muitas vezes não o continuam sendo durante o processo de aferição/verificação que antecede a emissão de pareceres finais.

Para minimizar esses problemas, um dos grupos de estudo da UFRGS sistematizou alguns parâmetros de avaliação para fórum de discussões em ambiente virtual, atualizando os procedimentos considerados desejáveis num ambiente presencial de debates, conforme se vê a seguir:

Tabela 2. Critérios para avaliação de intervenções em fóruns virtuais de discussão.

Pontos	Tipo de participação
0	Passiva (só recebe as mensagens e não posta coisa alguma)
1	Participações que não contribuem para a discussão em pauta
2	Contribuição pontual isolada (cita definições, aponta uma URL)
3	Contribuição questionadora (propõe dilemas, apresenta alternativas e pede posicionamentos)
4	Contribuição debatedora (comenta contribuições anteriores com propriedade), responde a questionamento ou apresenta contra-argumento (pró e contra).
5	Contribuição sintetizadora (coleta segmentos da discussão, ajusta, adapta, elabora parecer conclusivo).

Ao final da discussão, as contribuições são categorizadas segundo as modalidades acima propostas e os conceitos atribuídos em função do total de pontos coletados por cada participante”.

TELEDUC – UFRGS – LABORATÓRIO DE TELEDUCAÇÃO - 2004.

A partir de uma escala como essa, cada equipe de tutoria pode definir seus próprios parâmetros avaliativos, tendo em vista os objetivos pertinentes ao grupo com o qual trabalha, e fazendo com que a avaliação se torne mais objetiva e participativa, coerente com a natureza do processo interativo que se dá no ambiente da discussão virtual.

Os alunos devem estar cientes dos critérios de avaliação dos fóruns, e, de preferência, devem ser previstos instrumentos de auto-avaliação, de avaliação do desempenho da turma pelos próprios alunos, bem como de avaliação da atuação do tutor e do suporte tecnológico, para que a relação assimétrica na hora da atribuição da nota ou do conceito final evolua para uma autopercepção que enriqueça as participações em fóruns posteriores, principalmente se for um curso de longa duração. Além disso, um processo de avaliação sistêmica tende a melhorar o processo decisório, melhorando, em consequência, o planejamento e a execução das rotinas que dão continuidade ao curso. A criação de fóruns não avaliativos também foi apontada como necessária para

melhorar a qualidade das interações entre os alunos e tutores, pois, nesses espaços, conforme registramos durante a pesquisa, pode-se “falar mais do que se quer e menos do que se espera que seja dito”.

É preciso também perceber que, raramente, os alunos iniciantes atingem de pronto os níveis quatro e cinco de participação citados na tabela acima, pois a própria falta de familiaridade com os procedimentos de discussão em ambiente virtual e o estranhamento que disso decorre inibem a participação. Desse modo, os integrantes do grupo tendem a fazer, nas primeiras discussões, apenas um “reconhecimento do terreno”, experimentando aos poucos novas estratégias de comunicação que os mantenham em zonas de conforto interacional. Considerando isso, o professor-tutor deve ser capaz de fazer uma avaliação situacional do momento de início das discussões entre os alunos, estabelecendo um planejamento adequado que os ajude a galgar os níveis mais altos (debater, sintetizar), e levando-os, assim, a promover os deslocamentos procedimentais e conceituais que caracterizam a verdadeira aprendizagem.

Desse modo, percebe-se que, no ambiente de discussões virtuais, o tão propalado *aprender a aprender* é peça chave para o sucesso, constituindo, ao mesmo tempo, um complemento do não menos famoso *aprender a conviver*, já que, mesmo por um período determinado, a leitura e a escrita de intervenções tornam-se uma *forma de conviver* com as idéias que representam as pessoas, preparando o terreno para a convivência que ocorre ao longo de todo o curso. Esses aspectos devem, portanto, ser incluídos da composição dos elementos de avaliação, sob pena de se minimizar a importância deles no processo ensino aprendizagem característico das discussões virtuais e, conseqüentemente, de enfraquecer a ênfase que a eles precisa ser dada na modalidade EAD via *web*.

9. Conclusão

Realizando essas mudanças, tanto na implementação quanto no acompanhamento e na avaliação dos fóruns virtuais, o foco das postagens tende a deslocar-se: o tutor não entra no ambiente de discussões apenas para verificar os alunos e o seu desempenho, mas para envolver-se com eles e com as idéias que publicam, para ajudá-los a progredir na construção de sentidos e, ao mesmo tempo, para aprender com eles; os alunos, por sua vez, não estão mais tão preocupados em “falar com o professor”, mas para colocar-se como autores de pensamentos e co-partícipes do processo de gestão da discussão, o que, por si só, já constitui poderoso incentivo à visita constante ao ambiente de postagens, bem como à consolidação da aprendizagem pessoal. Além disso, quando se trata de cursos de longa duração (mais de um semestre), a simples repetição de procedimentos tende a enfraquecer o desejo de interação, uma das causas da evasão de alunos na modalidade de educação a distância via *web*.

Para que sejam descobertas novas possibilidades de uso do fórum de discussões como ferramenta eficiente de ensino aprendizagem e também como recurso à permanência do aluno no curso, é necessário que se programem “rodas de conversa” periódicas e regulares entre professores-tutores, coordenadores e técnicos de programação e *design* instrucional, de modo a provocar a confluência entre as propostas pedagógicas e as possibilidades tecnológicas, já que, em EAD, é impossível separar essas áreas de atuação. Sempre que possível, a coleta de comentários e sugestões dos alunos a respeito dessa atividade deve ser realizada e agregada às rodas de discussão, para que a voz discente seja representada a contento no processo decisório. De igual maneira, o mapeamento do comportamento dos alunos e tutores no ambiente de discussão precisa ser realizado sistematicamente e interpretado, para que se considere pedagogicamente essa informação, pois somente esse acompanhamento sistemático



propicia o metac conhecimento que permite a criação de uma visão de futuro e a manutenção de condições de sucesso de um curso a distância via *web*.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes. 1997.
- BECKER, Fernando, Marques, Tania B. Iwaszko. **Aprendizagem Humana: Processo de construção**. Pátio, Porto Alegre, ano 4, n.15, nov. 2000/jan 2001.
- DOLIE, Jean-Marie. **Para compreender Jean Piaget**. Rio de Janeiro, Editora Guanabara Koogan, 1995.
- FRANCO, Sérgio R. K. **O Construtivismo e a Educação**. Porto Alegre, Mediação. 1986.
- FARIA, Ernesto. **Dicionário Escolar Latim Português**. 5. ed. Rio de Janeiro: MEC FENAME, 1975.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1998.
- KOCH, Ingedore. **A inter-ação pela linguagem**. 8. ed. São Paulo: Contexto. 2003.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34. 2004.
- PIAGET, Jean. **Problemas de Psicologia Genética**. São Paulo, Florense. 1973.
- HARASIM et al. **Redes de Aprendizagem**. São Paulo: Editora Senac, 2005.
- ROMISZOWICS, Alexander & HOMISZOWICS, Ermelina. **Dicionário de Terminologia de Educação a Distância**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho FRM. 1998.
- VYGOTSKY, Lev S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo, Martins Fontes. 1998.
- _____. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo, Martins Fontes. 1998a.